

## antimilitarismo e anarquismo

jaime cubero\*

Se fizermos a qualquer pessoa a pergunta se ela é favorável à guerra, acreditamos que não haverá uma só que responda afirmativamente. No entanto, qualquer estudo, mesmo não aprofundado, demonstra que nos últimos 50 anos o militarismo cresceu de tal forma no mundo que com exceção do que resta das sociedades primitivas não há uma só sociedade organizada que não esteja fortemente militarizada.

O problema é tão complexo e tão vasto que apenas podemos apontar alguns aspectos básicos para serem debatidos. Vamos dividir o tema em três partes para facilitar a análise, ainda que em seus aspectos mais gerais: o soldado profissional em sua estrutura organizacional moderna; o militarismo e a indústria de armamentos e o movimento anarquista em face dessa realidade. Evidentemente durante nossas análises não poderíamos deixar de focar o aspecto crítico anarquista.

\* Jaime Cubero participou da reativação do Centro de Cultura Social de São Paulo, nos anos 80. Aglutinou anarquistas e libertários e se tornou referência para militantes e pesquisadores, acolhendo-nos com generosidade, humor e contundência (Nota dos Editores). Palestra proferida na Universidade Estadual do Rio de Janeiro em Agosto de 1991.

Em todos os países, sem exceção, as forças armadas acumularam um poder gigantesco que se projeta em todo o emaranhado político da sociedade contemporânea, apesar de um forte conflito interno de interesses; e parecerem impraticáveis as ditaduras militares à moda antiga nas modernas sociedades industriais. Os controles políticos passam por outras instâncias.

Os profissionais da violência mudam no ritmo da constante transformação da tecnologia de guerra, embora a imagem que o povo tem do soldado profissional seja anacrônica. As pessoas, inclusive as politizadas, preferem permanecer desinformadas e de um modo geral vêem os oficiais superiores das forças armadas como pessoas que tomam decisões políticas e muitos gostariam de ver seus filhos seguindo a carreira militar, principalmente nos EUA, porque uma elite, dentro da profissão, detém o poder real e potencial de exercer controle sobre o comportamento dos outros.

A partir do século XIX, as instituições militares de países industrializados tornaram-se organizações integradas com uma elaborada estrutura hierárquica quando a concepção do estado-maior se torna uma necessidade administrativa. Há uma alteração no fundamento da autoridade e da disciplina, uma mudança de dominação autoritária no sentido de manipulação, persuasão, explicação e especialização, apesar da organização militar continuar rigidamente estratificada pelas condições de comando na guerra. A mudança lenta e contínua, o caráter técnico da guerra moderna, exigindo soldados altamente qualificados, faz com que, em qualquer equipe militar complexa, um importante elemento de poder passe a residir em cada membro que deve prestar sua contribuição técnica.

Mas sendo o princípio organizacional autoritário a dominação — a emissão de ordens diretas sem que se dê suas razões —, o oficial profissional é um disciplinador. Como toda organização de grande escala hierar-

quizada burocratiza-se, a instituição militar moderna não escapa à regra.

A partir do começo deste século, o desenvolvimento militar tecnológico tornou-se tão amplo que se pode falar de uma revolução organizacional das forças armadas, assim como houve uma revolução organizacional na produção industrial, com a entrada de armas e balísticos nucleares, todo tipo de foguetes e aviões super-sofisticados, a informática no uso de quase todas as armas, a guerra química, etc. As forças armadas parecem ter se transformado num gigantesco complexo de engenharia. Hoje, o profissional militar se divide nos três papéis, o herói glorioso, o administrador e o tecnologista, sem perder o plano da hierarquia e da autoridade. Um exemplo é o Regulamento de Contingências para o Exército e a Marinha do Brasil de 100 páginas com 315 artigos, muitos divididos em parágrafos que devem ser cumpridos à risca. O capítulo I começa com os sinais de respeito assim:

“1) Todo militar deve aos seus superiores obediência e respeito como tributo à autoridade de que se acham investidos pela lei.

2) As provas de disciplina devem ser manifestadas em todas as circunstâncias de tempo e lugar, por atitudes e gestos precisos, rigorosamente observados.

3) A espontaneidade e a correção dos sinais de respeito são índices seguros do grau de disciplina de uma corporação militar, bem como da educação profissional e moral dos seus elementos, pois só homens de músculos flexíveis e bem educados moralmente são capazes de cumprir com perfeição, elegância e boa vontade esta parte do dever militar.

4) Nas escolas, navios, corpos de tropas e estabelecimentos militares ou navais, deve haver maior empenho em que os sinais de respeito regulamentares se transformem em atos reflexos, mediante cuidadosa instrução e continuada exigência”.

Do artigo 288, que ocupa quase uma página, sobre

cerimônias de compromisso destacamos o seguinte: “O oficial presta em voz alta e pausada o seguinte compromisso: Perante a bandeira e pela minha honra, prometo cumprir os deveres de oficial do Exército e dedicar-me inteiramente ao serviço da Pátria”.

Toda uma ideologia contribui para a formação psicológica do profissional militar: a idéia da pátria, o culto e as cerimônias com a bandeira, os hinos, honras aos oficiais superiores, honras funerais, as insígnias, etc. São elementos de um ritual que conforma a submissão e a lealdade ao poder constituído, seja qual for e a própria hierarquia. O subordinado se humilha ante o seu superior e humilha o seu inferior, do chefe supremo até o recruta sobre quem cai o peso da deformação que o sistema faz da condição humana. O recruta não tem a quem humilhar.

Mas, modernamente, a tecnologia da guerra é tão complexa que a mera disciplina autoritária não é garantia para a coordenação de um complexo de especialistas. A ação é cada vez mais dependente da eficiência de cada membro do grupo do que da estrutura disciplinar autoritária. Mas como as ações se fundamentam em violência e crise extrema, as organizações militares se reservam o direito de exercer sanções drásticas contra o seu pessoal. As tensões da vida militar não conduzem à perpetuação da velha ordem como tal, mas à perpetuação de extenso ritualismo e crises de rigidez organizacional.

As forças armadas têm crescido relativamente no mundo, numa proporção muito maior que o crescimento da população. Além dos treinamentos, a profissionalização significa incorporação “num esquema de ferro” e doutrinação. Por princípio, todo profissional militar está obrigado à honra. Supõe-se que a honra assegure a lealdade para com a carreira. Hoje em dia há uma progressiva incapacidade da honra de resolver as tensões no seio da profissão, apesar dos esforços para tornar compatível o desempenho e a especialidade

técnica com o código de honra e a busca de glória. Os comportamentos mais surpreendentes se manifestam. No dia 14 deste mês, a rede SBT de televisão, em seu noticiário internacional anunciava que o governo dos EUA expulsara em torno de mil militares homossexuais, das três armas, que “aprontaram” na Guerra do Golfo. Alguns setores do movimento gay protestaram informando que isso de nada adiantaria uma vez que o número de homossexuais nas três armas ultrapassa a casa dos cem mil.

Segundo as definições da honra militar, o soldado profissional está “acima da política”. Em qualquer sociedade autoritária estar acima da política significa que o oficial está comprometido com o “*status quo*”. O conservadorismo militar proclama ser imprescindível a propriedade privada como base de uma ordem política estável, ou a propriedade vinculada ao Estado, como nos países comunistas. E é da doutrina militar que as guerras são inevitáveis: que a natureza do homem faz com que a violência organizada seja o árbitro final entre as nações. Assim, as guerras são essencialmente ações punitivas. Se a guerra é inevitável, justifica-se a máxima eficiência técnica organizacional. A ação militar é planejada para facilitar uma total incorporação política ou simplesmente “punir” os fora da lei. Exemplo: a guerra recente do Golfo Pérsico. O uso da força nas relações internacionais foi alterado de tal maneira que hoje parece mais apropriado falarmos de forças policiais que militares. O estabelecimento militar transforma-se numa força policial continuamente preparada para agir. Noam Chomsky, num artigo sobre as questões que envolveram a Guerra do Golfo, expressa bem o papel dos EUA como atual explorador do “virtual” monopólio do mercado de segurança, como meio de obter concessões econômicas de outros países por serviços prestados como policiais de aluguel do mundo inteiro.

A ascensão do administrador militar, significa um maior esforço dos oficiais para se manterem a par das

correntes intelectuais. Sua atitude em relação à atividade intelectual é ambígua, porque sua função consiste em proporcionar soluções específicas para complexos problemas administrativos e organizacionais. Citemos a utilização da antropologia. Informações antropológicas foram obtidas para silenciar, por via aérea, aldeias asiáticas tanto quanto a utilização de dados antropológicos para assassinar lideranças comunitárias na Ásia.

Mas o grande problema do militarismo, a mais séria questão a ser encarada e que só o movimento anarquista coloca, está além da estrutura da organização militar. Por que fracassam todas as conferências de paz? Não têm efeito todos os movimentos de jovens de todo o mundo pela cessação das intervenções armadas? Muita gente neste mundo é pacífica. Luta contra a guerra. Mas o grande e mais poderoso inimigo da paz está na “indústria da morte”, o grande complexo industrial militar. As economias dos países do primeiro mundo, principalmente os EUA, são altamente militarizadas. Os donos das grandes empresas, das grandes corporações, bancos, inclusive, mais do que qualquer outro grupo social detêm os efetivos instrumentos do poder político, ocupam posições estratégicas no governo, e fazem a política em nome de toda a nação. Esses grupos acumulam lucros exorbitantes, fabulosos, na indústria de armamentos. Fomentam as guerras, frias e quentes, limitadas ou amplas, manifestam as intervenções militares e são responsáveis pelos riscos que ameaçam a humanidade. A vida norte-americana assumiu o feitio de uma nação em guerra permanente e o desarmamento pra valer seria uma ruína econômica em termos capitalistas. O poderoso parque industrial de bens de consumo que serve à imagem externa dos EUA tornou-se um gigantesco complexo industrial-militar. Os industriais da morte exercem poderosa e sinistra influência no mundo de hoje. No mundo capitalista não há conciliação entre o ideal de paz e a sede de lucros

desses monopólios, dessas multinacionais da morte, que nunca se satisfazem.

Atualmente, em torno de dez milhões de pessoas trabalham na indústria da armas e munições dos EUA. Todo o relativo conforto dessa gente repousa no sacrifício de soldados e na dizimação de povos estranhos a eles. Daí, as conseqüências desastrosas, que se estendem para países dependentes da esfera do dólar. Daí, o aviltamento dos preços de exportação desses países, controlados que são pela demanda da indústria norte-americana.

Os grupos que auferem lucros de armamentos e da guerra têm responsabilidade maior pela situação tensa com que toda a humanidade se defronta. Eles contam com a colaboração de economistas acadêmicos e de instituições oficiais, para elaborar técnicas econômicas para aperfeiçoar a eficiência do militarismo e para solidificar o papel por ele desempenhado na economia global. Hoje, a associação de interesses que lucram com os armamentos é o fator mais importante na promoção da corrida armamentista. Numa aquisição de US\$30 bilhões correspondentes a equipamentos, suprimentos, e serviços comprados pelas forças armadas e pela Comissão de Energia Atômica dos EUA. Os lucros foram de US\$13,3 bilhões antes da taxação e de US\$6,4 bilhões depois, considerando um imposto de renda de 52%<sup>1</sup>.

Os lucros obtidos na indústria eletrônica e na exploração de novos metais para uso militar são fantásticos, para uma demanda criada pelo avanço tecnológico. As universidades participam intensamente nas pesquisas e na preparação de pesquisadores caracterizando um dos mais sombrios aspectos que o professor Maurício Tragtenberg chamou de *“delinqüência acadêmica”*.

As grandes corporações, através de seus prepostos no governo, pressionam permanentemente pelo aumento de verbas para o Departamento de Defesa dos EUA. Exemplo típico é o do grupo Rockefeller quando, tendo

Nelson Rockefeller como Conselheiro Presidencial e Presidente do Conselho, publicou relatório sobre segurança internacional. Com Henry Kissinger, como relator e diretor do projeto, advogava com êxito o aumento crescente no consumo de armamentos. O grupo tem muitos investimentos na indústria de armas. Grandes organizações bancárias têm investimentos na indústria bélica e no exterior, investimentos em petróleo, etc. O Chase Manhattan Bank, a Casa de Morgan — a mais famosa de Wall Street —, o City Bank, etc. Está claro que a comunidade financeira nada fará para deter a marcha progressiva dos militaristas e dos que se beneficiam dos armamentos em direção ao Estado militarista e à guerra.

Depois da grande exibição de força e tecnologia que foi a Guerra no Golfo Pérsico, em 17 de julho, foi assinado o acordo sobre o Tratado de Redução de Armas Estratégicas (Start) que prevê o corte de 30% do arsenal nuclear de longo alcance. O acordo, um documento de 700 páginas, que ainda deverá ser ratificado pelo Congresso norte-americano e pelo “Soviete Supremo”, da União Soviética, diz selar o fim da guerra fria. Para acreditar seria necessário desconhecer totalmente o retrospecto dos acordos de paz. O primeiro acordo de controle de armamentos nucleares foi assinado em 1968, onde EUA, União Soviética e Inglaterra se comprometiam a suspender a transferência de armas nucleares para outros países. Desse primeiro acordo ao último assinado este ano, ao todo, foram 14 acordos. Todos sabem como foram cumpridos. Os arsenais de guerra cresceram assustadoramente após cada acordo. Apesar da propaganda e do alcance do alarde da mídia sobre esse último acordo assinado numa reunião de cúpula, os EUA ainda ficarão com nove mil armas nucleares estratégicas (admitindo-se que o acordo fosse cumprido) e a União Soviética com sete mil (mísseis intercontinentais com ogivas atômicas), muito mais do que em 1982 quando se iniciaram as negociações para



o acordo Start. A verba para o Departamento de Defesa dos EUA, aprovada em dezembro de 1990, foi de US\$3,9 trilhões. O orçamento militar da URSS é gigantesco. O próprio Gorbachev admitiu que mais de 40% dos recursos soviéticos são destinados à indústria militar.

Os grandes produtores de armas, na atualidade, estão voltados para países do terceiro mundo, que lutam por adquirir tecnologia nessa área. O comércio de armas não está nas mãos dos “mercados da morte” isolados, mas também nas mãos dos governos. As vendas ao exterior impedem às indústrias de armamentos de sofrer flutuações das encomendas de material militar e aliviar o orçamento de defesa do país de origem. Com um faturamento de bilhões de dólares, as vendas de armas são uma benção para a balança comercial. Assim, quando os Estados entram em conflito com um país do terceiro mundo, ele luta contra tanques, aviões ou navios que eles mesmos venderam. Foi o caso da Inglaterra durante a Guerra da Malvinas e dos aliados na Guerra do Golfo, um incentivo para o aumento dos arsenais do terceiro mundo.

Alguns países, como o Brasil, embora de terceiro mundo são produtores de armas e até grandes exportadores. Com total apoio das Forças Armadas vem se preparando para ingressar na era das armas nucleares. Segundo declaração do Ministro, a Marinha inicia o submarino nuclear até 1992; o programa nuclear da Aeronáutica se desenvolve no Instituto de Estudos Avançados, subordinado ao Centro Técnico Aeroespacial, em São José dos Campos; o projeto do Exército, que já gastou US\$ 49 milhões, é desenvolvido pelo Centro Tecnológico do Exército, em Curitiba, e trabalha como elemento chave para a produção da bomba atômica.

A humanidade gasta com armas, em menos de três horas, o equivalente ao orçamento total concedido pela Organização Mundial da Saúde à luta contra a varíola. Em cinco horas, o total que a UNICEF (órgão das nações

unidas para ajuda à infância) destina anualmente a crianças necessitadas. Em doze horas, uma quantia que seria suficiente para erradicar a malária e enfermidades endêmicas em 66 países. Todos os países do mundo poderiam pagar sua dívida externa se lhes fossem concedidos em investimentos produtivos um décimo do total despendido com armas. Os recursos destinados em média por todos os países do mundo à investigação médica constituem o equivalente à quinta parte dos aplicados ao estudo e desenvolvimento tecnológico do setor militar. Estas são algumas das conclusões que um grupo de economistas e cientistas, integrantes de organizações de defesa dos direitos humanos divulgaram. Segundo as estatísticas divulgadas há, nos países subdesenvolvidos, atualmente, em média, um soldado para cada 250 habitantes e um médico para cada 3.700. Para cada cem mil habitantes do planeta, 556 soldados e 85 médicos. Gasta-se atualmente por ano, com cada soldado, US\$19.300 enquanto que os fundos públicos destinados à educação são de US\$380 a cada criança. O custo de um caça-bombardeiro é, em média, equivalente ao necessário à construção e equipagem de 75 hospitais de cem camas cada um. O valor dos 27 mísseis que os EUA instalaram em territórios de países-membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte pagaria o investimento em máquinas agrícolas suficientes para assegurar, em quatro anos, auto-suficiência alimentar aos países pobres.

Os anarquistas têm a convicção de que numa sociedade capitalista, seja de livre mercado, seja de capitalismo de Estado, o militarismo jamais será eliminado. O nacionalismo exacerbado que informa toda ideologia do Estado nacional moderno, fonte e sustentação de privilégios, exploração e opressão, em qualquer sistema político que nele se fundamente, também sustenta o militarismo, que se alimenta da mesma ideologia. É tradição do movimento anarquista

combater o militarismo. A luta contra a instituição militar, face às suas características atuais, não pode ser isolada da grande luta pela transformação da sociedade. Combater o capitalismo e o Estado é a melhor maneira de combater o militarismo. Libertar as consciências com análises críticas, objetivas, com clareza, mostrando que o problema é muito maior, que vai muito além da farda.

A luta vem de longe. Em 1868, o Congresso Internacional Socialista de Bruxelas, adota por unanimidade uma resolução em que os operários eram exortados a tornar a guerra impossível por meio de greve geral. Mas contrariando a proposta, quando Domela Nienwenhuls, grande militante do anarquismo, propôs no Congresso Internacional Socialista de 1891, em Bruxelas, e em 1893, em Zurique, que recomendassem a greve geral e a recusa de marchar para a guerra, como meio de evitar guerras ameaçadoras, a maioria rejeitou a proposição. Apenas, em Zurique, os delegados da Austrália, da França, da Holanda, e da Noruega quiseram ainda continuar a luta socialista revolucionária contra a guerra. Quando no princípio do século XX uma guerra mundial ameaçava os povos, Domela Nieuwenhuls, juntamente com Janvion, Almereyda, Ivetot e Jourdan convocaram um congresso Internacional Antimilitarista em 1904, em Amsterdam, que se realizou entre 26 a 28 de junho do mesmo ano. Havia delegados de várias regiões mineiras, que representavam 116000 operários. Com representantes dos companheiros da Boêmia, da França, da Holanda, da Áustria, de Portugal e da Itália, fizeram-se grandes demonstrações. Posteriormente realizaram-se vários congressos que deram origem ao *Bureau Internacional Anti-Militarista*, B.I.A., com sede na Holanda, congregando as diferentes organizações anti-militaristas, tanto anarquistas como sindicalistas. Esse *Bureau* foi fundado num congresso Internacional realizado em Haia, em março e abril de 1921, com a seguinte declaração de princípios: “O B.I.A.

contra a guerra e a reação, composto por organizações anti-militaristas revolucionárias, tem por objetivo trabalhar internacionalmente contra o militarismo. A fim de tornar impossível a guerra e a opressão das classes trabalhadoras, esforça-se por desenvolver no espírito dos trabalhadores a consciência do seu decisivo poder econômico”

“Empreende propaganda de greve geral e recusa em massa do serviço militar”.

“Preconiza a cessação imediata de todo o fabrico destinado à guerra e a não participação no militarismo”.

“Esforça-se por tornar inúteis as armas e os navios de guerra”.

“Rende homenagem a todos aqueles que se recusam individualmente a todo o serviço militar”.

“Opõe-se de forma veemente contra qualquer tentativa de nova dominação exercida por intervenção armada contra um proletariado que tenha rompido com o jugo capitalista”.

“Opõe-se veemente contra todas as formas de exploração econômica e opressão militar de que são vítimas as raças de cor; procura a união e colaboração do proletariado revolucionário do Norte ao Sul, do Oriente ao Ocidente”.

“A organização do B.I.A. é de caráter federativo. No congresso foi expresso o desejo de que todas as organizações anti-militaristas revolucionárias de um determinado país se unissem num Bureau Nacional, que trabalharia tanto quanto possível de acordo com o B.I.A. Compõe-se pelo menos de um membro em cada país onde existam organizações aderentes. Este Bureau designa, por um espaço de tempo determinado, um certo país, onde esteja domiciliado o Comitê Executivo. O Congresso designou os Países-Baixos. O Comitê Executivo não tem poder dirigente. Faz correspondência, recolhe dados, envia comunicados à imprensa, estuda tanto quanto possível as relações políticas e econômicas internacionais, lança o alarme internacionalmente em

caso de guerra imediata, incita a agir no sentido da declaração de princípios e estimula em seguida por todos os meios, conforme está fixado no programa e é aceito como meio de luta.”

Depois de arrolar uma espécie de trabalhos desenvolvidos pelo B.I.A., o Secretário do Comitê Executivo comunica os futuros congressos até o de janeiro de 1923, em Berlim, com as adesões da Argentina, Finlândia, Itália e Brasil. A divisa do B.I.A. era a seguinte: “nem um homem, nem um centavo, nem um gesto a favor do militarismo”.

Depois da Segunda Guerra Mundial, o B.I.A. deu lugar à “Internacional dos Resistentes à Guerra”, com sede na Inglaterra. Editando um Boletim em inglês e francês, com edições mimeografadas também em alemão e esperanto, sua propaganda sempre foi dirigida para o Movimento dos Objetores de Consciência.

Os objetores de consciência desenvolvem uma luta contra o serviço militar obrigatório e o direito à insubmissão. Vale a pena conhecer o manifesto dos objetores de consciência publicado, recentemente, numa revista argentina:

“Manifesto dos Insubmissos:

Os objetores de consciência, que estamos recebendo ordens de incorporação ao Exército para prestar o serviço militar, queremos dar ao recrutamento forçado uma resposta ativa e coletiva, apresentando-nos publicamente ante a Jurisdição Militar, para a qual é delito nossa postura pacífica e solidária, e manifestamos:

1) Que fazemos objeção de consciência negando-nos a prestar o serviço militar; conscientes de que com isso estamos contribuindo para que as relações entre as pessoas e os povos sejam baseadas na justiça e na solidariedade.

2) Que somos partidários da liberdade, da responsabilidade, da participação e da paz e

entendemos que tudo isso contraria a lógica militar. Por isso, não queremos colaborar com o Exército prestando o Serviço Militar, por entender que se o fizéssemos estaríamos afirmando valores negativos, como a obediência cega, o machismo, a dominação e o poder. Estaríamos colaborando com a chamada ordem econômica internacional; transformar-nos-íamos em consumidores de orçamentos astronômicos que, impedindo o desenvolvimento desviam os recursos do planeta para a guerra e a destruição. Não queremos ser parte do Exército porque não queremos ser instância necessária da dominação de umas nações sobre outras, do domínio de umas pessoas sobre outras.

3) Que ao negarmos expressamente a prestação do serviço militar entendemos que não podemos ser considerados como militares, mas mantemos sempre nossa condição de civis.

4) Que somos objetores de consciência, sem necessidade de que nenhum organismo administrativo tenha porque declarar nossa condição como tal, no âmbito de uma lei cujo objetivo é conseguir que o protesto contra o serviço militar obrigatório, que os objetores de consciência fazem, não seja levado em consideração.

5) Que a imposição de uma prestação de serviço por outra que a substitua, para os objetores de consciência não tem sentido se não é entendida no âmbito do recrutamento forçado.

6) Que fazemos um chamamento a toda a população para que da mesma forma que nós, desobedeçam as imposições militares fazendo objeção de consciência (antes, durante e depois do serviço militar) impedindo a implantação das mulheres nas forças armadas. Não cumprindo as tarefas que substituem o serviço militar e combatendo o financiamento das despesas militares mediante a objeção fiscal.

Por tudo isso, entendemos que nossa oposição a

toda conscrição, a todo recrutamento, ainda que sob ameaça de prisão, constitui um gesto de responsabilidade social que estamos dispostos a levar adiante e para o qual esperamos o apoio e a compreensão de toda a sociedade civil”<sup>2</sup>.

Como já dissemos, a luta dos anarquistas contra o militarismo significa uma luta maior. A história da origem e desenvolvimento dos mercadores de armas revela-os como uma ameaça crescente. Toda guerra moderna ameaça envolver metade do mundo. O negócio da indústria cresce constantemente e os governos, em toda parte, estreitam os laços que os ligam, numa parceria com os mercadores da morte.

A guerra já aparece como maior e mais importante atividade dos governos. O desarmamento e a verdadeira paz só serão atingidos quando as forças representadas pelos fabricantes de armas forem esmagadas e eliminadas. O problema do desarmamento e da verdadeira paz é, por conseguinte, o problema de construir uma nova civilização. É a grande luta dos anarquistas. E no aqui e agora só resta às pessoas interessadas apoiar todas as ações e todos os movimentos contra a guerra. Lutar contra o nacionalismo, o chauvinismo onde quer que eles se apresentem, na escola, na imprensa, no trabalho e em todos os lugares.

A guerra é feita pelo homem; e a paz, na nova sociedade, quando chegar, também será feita pelo homem.

#### Notas:

<sup>1</sup> Extraído de: Victor Perlo. *Militarismo e indústria: armamentos e lucros na era dos projéteis*. Rio de Janeiro, Paes e Terra, 1969.

<sup>2</sup> Manifesto da FOSMO — Frente de Oposição ao Serviço Militar Obrigatório — publicado na revista *La Letra A*, anarquista, de Buenos Aires, julho de 1991.